

CONSTELAÇÕES NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA NO CONTEXTO DE COLONIALISMO DIGITAL

João Gabriel Martins Cunha¹

O presente trabalho tem como objetivo analisar uma pesquisa, ainda em desenvolvimento, acerca da produção e reprodução das constelações narrativas de resistência no contexto do colonialismo digital (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023). Nessa perspectiva, busca-se a compreensão dos impactos da acumulação primitiva de dados (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023) na atual fase do capitalismo tardio-neocolonial (YEROS; JHA, 2020) que através da hiperexploração promovida no contexto brasileiro de capitalismo dependente (MARINI, 2005) gera a racialização (FANON, 2022) dos meios digitais e restringe o acesso a seus desenhos tecnológicos. A tese central baseia-se na perspectiva de que "não há capitalismo sem colonialismo e, por sua vez, não há colonialismo sem racismo" (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023, p. 51). Nesse sentido, há um aprofundamento do capitalismo, que atinge áreas até então inalcançáveis ao capital, como o ócio e a subjetividade (HAN, 2015).

A dominação digital é, portanto, não apenas econômica e política, mas intrinsecamente racial. Ela opera por meio da universalização diferencialista (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023), que prega o acesso universal, mas o restringe àqueles não reconhecidos como plenamente humanos. Essa restrição se manifesta tanto no nível da dominação psicopolítica (HAN, 2015) quanto na necropolítica (MBEMBE, 2018). Além disso, a dimensão digital, frequentemente nomeada como imaterial, possui uma base física e material que é explicitamente racializada, dependente da extração física de recursos naturais sustentando a divisão internacional do trabalho. Logo, a partir de uma investigação científica, buscou-se encontrar narrativas de luta e resistência na cibercultura. As metodologias de pesquisas adotadas foram: cartografia digital (CARVALHO; POCAHY, 2020), a pesquisa narrativa (SKLIAR, 2024) e a pesquisa-

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro; gabriel.joaol42019@gmail.com

formação na cibercultura (SANTOS, 2019). Os resultados demonstraram as constantes formas de narrar e resistir nas redes. Observou-se as diferentes possibilidades de contestação política no contexto da cibercultura, seja por meio de museus digitais, perfis de denúncia, acervos, seja pelas contra-visualidades (MIZOERFF, 2016). Esses movimentos são necessários para a elaboração de uma pressão política para a regulação dos conglomerados empresariais estrangeiros de tecnologias digitais e a formação de um projeto nacional de soberania digital. Desse modo, a difusão das dinâmicas das redes, bem como de suas problemáticas, favorece a organização das classes trabalhadoras a partir de suas narrativas comunitárias, que, aliadas ao enfrentamento político em outras esferas da sociedade, possibilitam a viabilidade de uma ruptura estrutural de classe.

Palavras-chave: colonialismo digital; tecnologias e educação; narrativas digitais

BEZERRA, A. C.; COSTA, C. M. Pele negra, algoritmos brancos: informação e racismo nas redes sociotécnicas. *Liinc em Revista*, v. 18, n. 2, e6043, 2022.

CARVALHO, Filipe; POCAHY, Fernando. O método cartográfico na/com a formação na cibercultura. *RE@D, Revista de Educação a Distância e Elearning*, v. 3, n. 1, 2020.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. *Colonialismo Digital: por uma crítica hacker-fanoniana*. São Paulo: Boitempo, 2023.

FANON, Frantz. *Condenados da Terra*. Tradução de Lígia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da dependência. In: TRASPADINI, Roberta.; STEDILE, João Pedro (orgs.). *Ruy Mauro Marini: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro 1: O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1, 2018.
- MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. ETD [online], v. 18, n. 4, p. 745-768, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v18i4.8646472>. Acesso em: 07 out. 2025..
- MOURA, Clóvis. Sociologia do negro brasileiro. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- N'KRUMAH, Kwame. Neocolonialismo: último estágio do imperialismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- SANTOS, Edméa. Pesquisa-formação na cibercultura. Santo Tirso: Whitebooks, 2014.
- SKLIAR, Carlos. Desobedecer à linguagem. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- YEROS, Paris; JHA, Praveen. Neocolonialismo tardio: capitalismo monopolista em permanente crise. Tradução de Kenia Cardoso. Agrarian South: Journal of Political Economy, v. 9, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.agrariansouth.org/2020/05/27/neocolonialismo-monopolista-em-permanente-crise/>. Acesso em: 07 out. 2025.